LUUANDA:
RISO, ALEGRIA E VITALIDADE

Renata Quintella de Oliveira
Doutoranda em Literatura Portuguesa (UFRJ)
renataquintella@bol.com.br

RESUMO

A obra *Luuanda*, de Luandino Vieira, possui uma série de traços muito peculiares. Um deles é a forma como o tema do riso/comicidade é abordado por este escritor. No texto de Luandino, o "riso de zombaria", definido por Vladimir Propp, está presente, mas o que predomina é o "riso de alegria", que, segundo Propp, é aquele através do qual o sujeito manifesta a sua força vital.

PALAVRAS-CHAVE: Luandino Vieira, "riso de alegria", "riso de zombaria", força vital.

ABSTRACT

Luuanda, Luandino Vieira's book, has many peculiar traits. One is how the theme of laughter / comedy is approached by this writer. In text Luandino, "laugh of derision", defined by Vladimir Propp, is present, but what prevails is "laugh of joy," which, according to Propp, is the one through which the subject expresses its lifeblood.

KEYWORDS: Luandino Vieira, "laughter of joy", "laugh of derision", vital force.

O riso é importante como arma de luta,
mas é também necessário enquanto tal como
manifestação de alegria de viver que estimula
as forças vitais.

Vladimir Propp

Este trabalho pretende analisar a obra *Luuanda* (1964), de José Luandino Vieira, focalizando a questão específica do riso. Este tema é extremamente debatido por muitos teóricos e dificilmente chegou-se a um consenso. A fim de conferir respaldo bibliográfico a este breve estudo, faremos alusões a um destes teóricos: Vladimir Propp, que estudou o riso em suas diversas facetas, problematizando de forma eficaz esta questão. Antes, porém, de abordarmos propriamente este tema, consideramos pertinente traçar um breve panorama da obra de Luandino Vieira, mostrando seu lugar na ficção angolana do século XX. Da mesma forma, tentaremos enfatizar brevemente como se articula o riso com a narrativa do escritor angolano, antes de nos determos especificamente no livro de contos *Luuanda.*

A primeira narrativa luandina foi escrita em 1954: "Inglês à hora" e a última em 1972: "Estória da família sem história" (LARANJEIRA, 1995, 121). Dentre os seus livros publicados, encontram-se *A cidade e a infância* (1960), *Duas histórias de pequenos burgueses* (1961), *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1974) (embora tivessem circulado antes desta data edições copiografadas e não revistas pelo autor), *Luuanda* (1964), *Vidas novas* (a primeira edição, s.d., Paris, não revista pelo autor; a segunda, em 1975), *Velhas estórias* (1974), *No antigamente, na vida* (1974), *Nós, os do Makulusu* (1975), *Macandumba* (1978), *João Vêncio: os seus amores* (1979), *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & eu* (1981).

Luandino Vieira enquadra-se na geração da *Cultura* II, que surgiu no final dos anos 50, e também da *Mensagem* (1951-52). Podemos dizer, entretanto, que o escritor angolano ultrapassa essas gerações, devido à particularidade e ao caráter revolucionário de sua obra, destacando-se e fixando-se nas últimas décadas como um dos maiores escritores em língua portuguesa do século XX (LARANJEIRA, 1995, 121). Pormenorizaremos, mais à frente, em que consiste tal caráter revolucionário da obra luandina, fornecendo exemplos que deixarão evidente este aspecto.

Pires Laranjeira divide a obra de Luandino Vieira em duas fases. A primeira, segundo o crítico, abrange as *estórias* escritas até 1962 (ou seja, todas aquelas incluídas em *Vidas*

novas e que ainda mantém um forte vínculo com a norma do português europeu) e a segunda fase, inaugurada com a obra de reconhecido talento *Luuanda*. Nesta fase há a visível tendência para a transgressão da norma-padrão europeia, ocorrendo a "crioulização" da língua, adotando diferentes recursos sintáticos, morfológicos, fonológicos, inovações semânticas, neologismos, etc. Desta forma, além de construir uma narrativa extremamente inovadora, Luandino Vieira também conseguiu distanciar a língua portuguesa que constrói sua ficção do padrão europeu, aproximando-a muito mais da oralidade e da tradição africanas.

A questão do riso é fortemente presente na literatura angolana, em especial naquela produzida a partir da década de 60. Tal fato levou a professora doutora e pesquisadora Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva a realizar uma pesquisa em torno do riso e de suas manifestações nas obras ficcionais deste país. Segundo a pesquisadora, a presença do riso na literatura angolana não surpreende, "uma vez que o riso sempre esteve associado, ao longo de sua história, a períodos de crise e transformação social; e não resta dúvida que Angola conhece, como poucos países no mundo, a significação da palavra crise" (SILVA, 2003).

Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva afirma que:

> (...) Saber de que e por que uma sociedade ri nos ajuda certamente a compreendê-la melhor. Isso não significa, entretanto, que se pretenda fazer nenhum perfil da sociedade angolana através do riso. Sobretudo porque, quanto mais tentamos defini-lo, mais ele nos foge.
>
> Uma abordagem do riso através da literatura pode, entretanto, pôr em evidência questões culturais bastante relevantes numa sociedade. Afinal de contas, o enfoque do riso é um dos mais reveladores do homem, pois o fenômeno possui um vínculo estreito com os desejos, os medos e os sonhos. Ainda que em sua história, ele tenha exercido os mais variados papéis nos momentos de crise e transição social, uma de suas funções mais recorrentes foi exorcizar o medo, o horror e a guerra.

A partir desta citação da pesquisadora podemos refletir sobre a importância do riso na obra de Luandino e, em especial, em *Luuanda*. Passadas nos musseques de Luanda do período colonial, as três narrativas desta coletânea parecem ter justamente esta particularidade: a função de "exorcizar" os fantasmas que assombram os personagens: a fome, a carência de recursos, a desigualdade social. A autora ainda afirma que o riso destacou-se, muitas vezes, em períodos críticos da história do homem, "como válvula de

escape, como salvação, como alívio, como catarse" (SILVA, 2003), o que parece nos redirecionar para a obra de Luandino em questão. Veremos, agora, como se dá essa questão especificamente em *Luuanda*, remetendo-nos frequentemente ao estudo sobre o riso proposto por Vladimir Propp.

AS FACETAS DO RISO EM *LUUANDA*

Para Propp, o riso se divide em dois tipos principais: o "riso de zombaria" e o "riso de alegria". O primeiro estaria ligado à ridicularização, à depreciação de um ser que se coloca em posição superior a outro, visto como inferior: "No riso de zombaria a pessoa compara involuntariamente aquele que ri consigo próprio e parte do pressuposto de não possuir os defeitos do outro." (PROPP, s/d, 181).

É desta forma que Propp diferencia o riso de zombaria do riso de alegria:

> Para um melhor esclarecimento é preciso considerar não apenas o riso de zombaria, mas também os outros tipos e entre eles, em primeiro lugar, o riso de alegria. Esse tipo de riso constitui uma reação fisiológica a uma transbordante sensação de alegria para com o próprio ser. Este riso, em si mesmo, não está ligado a fatores de caráter moral. No riso de zombaria o que nos dá prazer é uma vitória de caráter moral, enquanto no riso de alegria trata-se de uma vitória das forças vitais e da alegria de viver. (PROPP, s/d, 181)

Não é o riso de zombaria que predomina na obra de Luandino Vieira. Na narrativa deste escritor, vemos eclodir frequentemente o riso de alegria, que é a forma através da qual os personagens manifestam a sua força vital. Novamente, remetamo-nos a Propp: "O riso de alegria, mesmo que não se oriente para o satírico, é muito útil e necessário socialmente porque desperta a alegria de viver, cria o bom humor e com isso eleva o tônus da vida". (Idem, 190).

Segundo Pires Laranjeira, com *Luuanda*, Luandino Vieira inaugura a segunda fase de sua obra, caracterizada sobretudo por uma tendência progressiva à

> (...) destruição da pacatez de leitura, disseminando marcas de angolanização da língua portuguesa, subvertendo a norma comunicativa do português-padrão de Lisboa, adoptando gírias, neologizações, tipicismos e outros recursos, também sintácticos, orais e tradicionais africanos, para construir uma língua literária propícia ao imediato reconhecimento de sua diferença. (LARANJEIRA, 1995, 121).

Pires Laranjeira ressalta, desta forma, a grande importância que tem a obra deste escritor e, em especial, a coletânea referida, destacando aspectos inovadores e até revolucionários de sua ficção. O crítico chega a aproximá-lo de James Joyce e de Guimarães Rosa, autores que com *Ulysses* e *Grande Sertão Veredas,* respectivamente, consagraram uma literatura caracterizada pela transgressão e inventividade da linguagem. Na primeira fase isso não ocorre, já que a linguagem em *Vidas novas,* por exemplo, mantém-se dentro de padrões clássicos, não se afastando tanto da norma do português europeu, como afirma o crítico citado. É efetivamente a partir de *Luuanda* que contemplaremos um texto indubitavelmente transgressor e revolucionário.

O autor citado também aborda uma questão que para nós é bem interessante. Para ele, a comicidade brota, entre outros fatores, justamente da transgressão da linguagem: "A sintaxe normativa da língua portuguesa de Portugal, sendo modal e temporal, ao sofrer as interferências de uma outra norma de falar, torna-se, por vezes, cômica ou simplesmente imprevista" (Idem, 122). Pires Laranjeira refere-se, na citação anterior, ao uso que Luandino faz de uma linguagem muitas vezes "quimbundizada", ou seja, uma linguagem que adota modos gramaticais próprios do quimbundo, língua de origem banta.

O RISO NO CONTO "VAVÓ XÍXI E SEU NETO ZECA SANTOS"

O conto já se inicia apresentando ao leitor a situação terrível em que se encontram os habitantes do musseque. O espaço apresentado é caracterizado como um local de carência em diversos níveis. Carentes de recursos financeiros, desprovidos de condições habitacionais adequadas e passando fome, os habitantes do musseque não conseguem impedir a chuva de destruir suas moradias. Lutam contra a força das águas, que levam embora, impiedosas, o barro das casas de pau-a-pique. Pires Laranjeira tece alguns comentários sobre a presença da chuva neste conto. Para o autor, tal elemento traz um significado simbólico: representaria a violência colonial a que estão submetidos os personagens (Ibidem, 125). O tempo histórico, que é pano de fundo neste texto, entrelaça-se a essa representação da chuva: início da década de 60, ou seja, o período pré-revolução, extremamente tenso, na espera do "temporal" que havia de ocorrer em 1975.

Para Pires Laranjeira, as três estórias de *Luuanda* têm como motivos centrais a fome e a escassez de meios (Ibidem, p. 124). O fato curioso é a forma como o narrador apresenta-nos esta situação dramática. O tom da narrativa é alegre, risonho, nada triste e desolador. Toda a natureza é antropomorfizada e parece dialogar com os personagens, fazer parte de suas vidas e de sua identidade: "Mas, cansado do jogo, o vento calou, ficou quieto" (VIEIRA, 1980, 14); "(...) e só mesmo o falar grosso das trovoadas é que lhe derrotava. (Idem, 14).

Mas onde entra o riso neste contexto tão dramático? O riso aparecerá de forma sutil do texto. Os fatos narrados em si mesmos são tristes, dramáticos. Contudo há sempre a esperança, a vida que brota após a enchente. A resistência.

Uma questão que poderia suscitar o riso de zombaria é a caracterização do personagem Zeca Santos. Fugindo da "pressa da chuva", Zeca Santos entra desajeitadamente na cubata, escorregando no chão molhado. Essa é a primeira cena em que este personagem aparece. É desta forma que ele é apresentado ao leitor: desastrado, com orelhas de abano, magro demais, "farrista" e namorador, dorminhoco. É comparado à cigarra da fábula de La Fontaine tão conhecida pela maioria dos leitores: "A cigarra e a formiga". Na visão de Pires Laranjeira, Luandino praticamente constrói uma releitura desta fábula, tanto que o subtítulo em que trata disso em seu livro é "A cigarra e a formiga: fábula luandina" (Ibidem, p. 124). Zeca Santos prefere comprar uma camisa florida amarela a comprar a comida que lhe daria o sustento. Em contraposição, seguindo essa interpretação, Vavó Xixi seria a formiga, aquela que está muito mais preocupada com o próprio sustento, com o trabalho.

A conduta do jovem rapaz poderia fazer o leitor julgá-lo como um personagem fútil, superficial e egocêntrico. Porém, aos poucos, o próprio narrador o absolve, ao nos apresentar suas motivações mais íntimas, que o levavam a agir daquela forma. O leitor não consegue zombar de Zeca Santos. No máximo, rimos com ele e não dele.

Já Vavó Xíxi é caracterizada no conto da seguinte maneira: "velha sempre satisfeita, a vida nunca lhe atrapalhava, descobria piada em todo o dia" (Ibidem, 21). Tanto a avó quanto o neto sofriam com a fome e a miséria por que passavam e nenhum dos dois se deixa abater. Essa é uma característica muito presente nos personagens de *Luuanda*, tanto neste conto como em "Estória do ladrão e do papagaio" e em "Estória da galinha e do ovo".

Em certo momento do conto, o neto Zeca reclama mais uma vez à avó da terrível fome que sentia. A avó poderia abraçá-lo, chorar com ele. Porém, sua atitude é fazer piada de uma situação aparentemente não risível:

> Diferente, outra vez macia e amiga, a voz de vavó perguntou do meio das panelas e quindas vazias:
>
> — Olha só, Zeca!? O menino gosta de peixe D'ontem?
>
> Espantado, nem pensou mais nada, respondeu só, guloso:
>
> — Ai, vavó! Está onde, então?...Diz já, vavó, vavó sabe eu gosto. Peixe d'ontem... (...)
>
> De pé na frente do neto, as mãos na cintura magra, vavó não podia guardar o riso, a piada. De dedo esticado, as palavras que estavam guardadas aí na cabeça dela saíram:
>
> — Sente, menino! Se gosta peixe d'ontem, deixa dinheiro hoje, para lhe encontrar amanhã!
>
> (Ibidem, 57-58)

Fazendo piada de sua própria miséria, rindo de seu próprio sofrimento, Vavó Xíxi afirma a vida. Não se deixa abater pelo desespero da fome, da pobreza, nem mesmo quando relembra seus tempos de fartura. Ao relembrá-los, sente-se triste, pois é humana, mas afirma a vida através do riso.

O mesmo ocorre com Zeca Santos. O rapaz apanha do patrão, é desprezado pela mulher que deseja, sente-se culpado por não conseguir ajudar a avó a levar dinheiro para dentro de casa. Ao mesmo tempo, celebra a vida, chamando a atenção das meninas com sua blusa amarela florida, dormindo até tarde, não dispensando os seus bailes. Vive como um jovem normal, que não se abate com as maiores dificuldades.

Esta cena da personagem Vavó Xixi fazendo a piada em meio à fome é colocada bem no final do conto. Esta escolha por parte do escritor torna o texto muito mais leve. Após conhecermos todas as mazelas do musseque e nos sensibilizarmos com as dificuldades e as carências dos personagens, em vez de nos sentirmos tristes rimos com eles. Um riso de afirmação da vida. De celebração. De resistência. De força vital.

O RISO NO CONTO "ESTÓRIA DO LADRÃO E DO PAPAGAIO"

Conto de maior extensão de *Luuanda*, a "Estória do ladrão e do papagaio" é uma narrativa em que o cômico e o riso aparecem com vigor e expressividade. Tanto na caracterização dos personagens como nos fatos narrados, aspectos cômicos emergem claramente neste texto. Nesta estória, o riso de alegria e o riso de zombaria, de que trata Vladimir Propp, aparecem alternando-se, embora o primeiro prevaleça em nosso ponto de vista.

O riso de zombaria surge no texto quando o personagem Garrido Kam'tuta é ridicularizado por todos no musseque. Este personagem possui um defeito físico: é aleijado. Toda a caracterização feita pelo narrador parece, em um primeiro momento, contribuir para que se instale o cômico e o leitor também ria dele. Todavia,, o "riso de zombaria" brota muito mais dos personagens do musseque em relação a Garrido do que do leitor em relação a este personagem.

Uma característica muito presente em *Luuanda* como um todo é a postura do narrador diante das personagens: parece estar continuamente absolvendo as personagens. O narrador aparece extremamente comprometido com a situação de sofrimento por que passam as personagens de *Luuanda* e parece estar continuamente disposto a "defendê-las". Em um primeiro momento, o leitor pode rir de Garrido kam'tuta, assim como as personagens; em um segundo momento, porém, o leitor pode se sensibilizar ao perceber que o personagem tem um lado extremamente sublime, heroico e forte. Isso destrói a base da comicidade, pois quem ri já não se sente mais tão superior a quem é o objeto do riso. Como assinala Propp, esta seria uma das condições básicas para que se instale o riso de zombaria.

Já dissemos anteriormente que, embora nesta *estória* haja episódios em que se desencadeia o "riso de zombaria", o que prevalece no texto é o "riso de alegria". Explicitaremos com mais vagar como se instala esta condição do cômico neste conto de Luandino Vieira. Explicaremos, também, por que é ele que prevalece na narrativa e não o riso de zombaria, o riso ligado à ridicularização.

Os principais fatos narrados em “Estória do ladrão e do papagaio” são o roubo dos patos e o “sequestro” do papagaio. O primeiro fato já é por si só cômico: uma quadrilha “desorganizada” formada por três habitantes do musseque Sambizanga planeja sem êxito um furto de sete patos. O motivo do roubo era a expectativa de conseguir algum dinheiro com os animais, o que nos leva à aproximação com o conto anterior, em se tratando da temática-base: a fome. Tudo dá errado e os componentes desta cômica quadrilha vão presos, todos na mesma cela. Se roubar patos já é algo que motiva o riso (neste caso, de zombaria), roubar sem êxito deflagra um riso em dobro.

Contudo, mais uma vez o narrador parece colaborar para que o leitor mude sua percepção em relação a esses personagens, até certo ponto ingênuos, cheios de graciosidade. Durante a prisão de Dosreis, vemos a amizade e o companheirismo de Xico Futa, que tenta aconselhá-lo como se portar na cadeia e como lidar com o cipaio Zuzé, para evitar possíveis agressões físicas. Há uma ternura entre os ladrões e isso transforma a comicidade inicial em espécie de lirismo: “Sentaram na ponta da tarimba, o grosso braço de Futa nas costas de Dosreis para proteger, parecia era asa de galinha tapando pintinho” (Ibidem, 69). A doçura da personalidade das personagens sublima-os e o leitor, além de rir, sensibiliza-se.

O riso de zombaria aparece em outros momentos na narrativa. Há um fato narrado em que isso ocorre de forma bem explícita. Inácia, personagem por quem Garrido se apaixonara, desprezava-o. A moça provocava-lhe propositalmente ciúmes, trocando “carícias” com Jacó, o papagaio de estimação dela. Ao trocar carinhos com o animal, Garrido sente ciúmes e a moça deleita-se com a reação do rapaz, rindo dele, um *riso de zombaria.*

O ridículo converte-se por vezes em sublime. Garrido tinha grande habilidade com as palavras e com isso encantava Inácia. As palavras de Garrido mostravam seu poder encantatório. Muitas vezes a moça sentia-se dividida. Vislumbrava, em momentos efêmeros, ter um relacionamento afetivo com Garrido, mas este desejo era logo esquecido.

Apesar de toda a gozação e zombaria por que Garrido Kam’tuta passava, este personagem não se deixa abater. Mostra-se, desta forma, forte, superior, heroico. Essa conduta de Garrido torna-o sublime e ao analisarmos isso o cômico esvai-se novamente. Sua força vital é o que prevalece. O *riso de zombaria*, inicialmente existente na narrativa,

converte-se em *riso de alegria*, pois o que temos aqui são personagens que, novamente, são superiores a tudo, a tudo vencem, com sua vitalidade, sua força e sua ternura.

O RISO EM "ESTÓRIA DA GALINHA E DO OVO"

Último conto de *Luuanda*, "Estória da galinha e do ovo" parece ser a narrativa mais "leve" desta obra de Luandino Vieira. Embora questões sociais importantes, como a fome e a miséria dos musseques estejam sempre presentes, neste conto, em especial, o foco não é –ao menos em uma primeira leitura– nenhum desses temas.

A galinha Cabíri –que pertencia à Nga Zefa, habitante do musseque Sambizanga– põe um ovo no quintal da vizinha, Nga Bina. Ocorre um impasse para saber de quem pertenceria o ovo. Este fato inicial conduz todo o conto. A partir dele, revezam-se um a um personagens (em sua grande maioria, "tipos"), que são solicitados pelos moradores do musseque a dar sua opinião sobre o caso. Desta forma, já se instala o cômico: a descrição dos personagens feita pelo narrador configura-se como predominantemente cômica. Seguem algumas citações da obra *Luuanda*, referentes à caracterização dos personagens Sô Vitalino, Rosália e o sargento, respectivamente: "E os risos de todas as bocas ficaram no ar dando berrida na figura torta e atrapalhada do proprietário Vitalino" (Ibidem, 173); "Na porta, mostrando o corpo dela já velho mas ainda bom, as mamas a espreitar no meio da combinação, Rosália xingava, dava berrida no homem" (Ibidem, 174); "Riu, os olhos pequenos quase desapareceram no meio da gordura das bochechas dele e piscando-lhes para os ajudantes, arreganhou" (Ibidem, 184).

Outra questão essencial para que se instale o cômico neste conto é a própria situação que se desenvolve a partir do impasse do ovo e da galinha: todos que eram convocados a dar sua opinião sobre o caso não queriam, na prática, solucionar a questão, mas apenas beneficiar-se com ela. Mostra-se o caráter "torto" dos personagens e seus defeitos são expostos, caracterizando, mais uma vez, o cômico.

Diversos personagens "tipos" são apresentados como possíveis solucionadores da questão: a mais velha, o comerciante branco, o assimilado, o proprietário, o ajudante de notário (representando, de certa forma, a Justiça), o sargento (representando a força

policial), a criança. Com exceção da criança e da figura do mais velho, todos os personagens tipo presentes neste conto só queriam se beneficiar com a questão e não resolvem nada. Isso pode ser visto como uma crítica de Luandino à sociedade angolana em seus diferentes níveis. Apenas a criança e o mais velho realmente tiveram voz e foram respeitados, assegurando, desta forma, uma narrativa que preza essa angolanidade relativa ao ciclo vital, valorizando as duas "pontas" da vida, ou seja, tanto a criança quanto o mais velho, que têm ambos grande importância na cultura angolana.

Mas de que forma o riso e a comicidade aparecem nesta estória? A leitura detalhada e atenta do conto nos faz perceber que, em momentos bem específicos, há o riso de zombaria, abordado por Propp. Só que ele não predomina na narrativa. Mais uma vez afirmaremos, aqui, que o riso de alegria, que reforça a vitalidade, é o que predominará neste conto, assim como nos dois contos anteriores em *Luuanda*.

Apesar de o riso de zombaria aparecer, por exemplo, como já foi afirmado anteriormente, na caracterização dos personagens, tendendo ao ridículo e com certo tom crítico, o que prevalecerá, nesta narrativa, mais uma vez, é o riso de alegria. A questão de todos os personagens terem a intenção de se beneficiarem com a situação, ávidos por comer o ovo ou a galinha, não está relacionada exclusivamente à fome, à miséria do musseque. Neste texto, especificamente, o foco não está aí, embora haja a possibilidade da leitura desse conto caminhar por esse viés. De forma bem diferente Pires Laranjeira interpreta esse conto: para ele, através de uma estratégia de camuflagem, Luandino Vieira constrói uma narrativa que, mesmo em termos subjacentes, traz o "motivo da guerra colonial" (LARANJEIRA, 1995, 128):

> Pode-se ler, em termos subjacentes, o motivo da guerra colonial, os dois campos sendo representados pelos miúdos e a galinha (clandestinidade/guerrilha) e pela patrulha (exército português), com todas as outras personagens desempenhando papéis homólogos da sociedade real. (Idem, 128).

Em nossa visão, após ter rido e se emocionado com a situação de miséria e pobreza de "Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos", se sensibilizado com as limitações de Garrido em "Estória do ladrão e do papagaio", o leitor diverte-se com a leitura deste último conto, alimentando seu espírito da mesma maneira que o fizeram os personagens de "Estória da galinha e do ovo"; afirmando a vida, celebrando-a e vencendo, assim, toda e qualquer dificuldade.

REFERÊNCIAS

SILVA, Maria Teresa Salgado Guimarães da. “A forte presença do riso na ficção angolana”, 2003. Disponível em: http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/142-a-forte-presen%C3%A7a-do-riso-na-fic%C3%A7%C3%A3o-angolana. Acesso em 06/07/14.

LARANJEIRA, Pires. “Luandino Vieira e *Luuanda*” In: LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.* Vol. 64. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso.* Trad. De Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, s/d.

VIEIRA, Luandino. *Luuanda.* 6° edição. Lisboa: Edições 70, 1980.

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Renata Quintella de. Luuanda: riso, alegria e vitalidade. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 14-25. Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num18/dossie/palimpsesto18dossie02.pdf. Acesso em: *dd mmm. aaaa.* ISSN: 1809-3507